

## EXPLORANDO O ESPELHO NEGRO: MÍDIA, COTIDIANO E PRESENTISMO EM BLACK MIRROR

Clara Letícia de Araújo DANTAS, UFPB<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo consiste em uma análise de “Nosedive”, primeiro episódio da terceira temporada de “Black Mirror”. Descrevemos o enredo do objeto escolhido, refletindo sobre entretenimento, tecnologia e seu impacto no cotidiano, com atenção especial para o uso das mídias digitais e o conceito de presentismo. Partimos da hipótese de que a experiência apresentada, aparentemente em um cenário futurista, apenas reforça aspectos já existentes em nossa realidade. Através de uma abordagem qualitativa, relacionamos os eventos retratados a princípios teóricos da Comunicação, examinando e classificando o programa enquanto produtor de sentido.

**Palavras-chave:** Black Mirror; Comunicação; Tecnologia; Cotidiano.

**Abstract:** This article consists of an analysis of “Nosedive”, first episode of the third season of “Black Mirror”. We describe the plot of the chosen object, reflecting on entertainment, technology and its impact on daily life, with special attention to the use of digital media and the concept of presentism. We assume that the experience presented, apparently in a futuristic scenario, only reinforces aspects that already exist in our reality. Through a qualitative approach, we relate the events portrayed to theoretical principles of Communication, examining and classifying the program as a producer of meaning.

**Keywords:** Black Mirror; Communication; Technology; Everydayness.

### INTRODUÇÃO

Black Mirror é uma série de televisão criada por Charlie Brooker e originalmente transmitida, em 2011, pela emissora britânica Channel 4. Ganhou reconhecimento mundial somente anos depois, após ser inserida no catálogo da Netflix<sup>2</sup>. Uma de suas características mais notáveis é a apresentação de atores e histórias diferentes a cada episódio.

Silva (2014, p. 244), ao se referir ao centro de uma estrutura narrativa, afirma que é “o escritor/produtor que garante a unidade de sentido de um programa, seja pela supervisão do processo de escritura dos episódios, seja pelo estabelecimento de um padrão de encenação que garante replicação”. Isto é, ainda que não vejamos uma regra claramente predeterminada para indicar a ordem dos acontecimentos em Black Mirror,

---

<sup>1</sup> Mestranda em Comunicação e Culturas Midiáticas, pela Universidade Federal da Paraíba. E-mail para contato: [araujodeclara@gmail.com](mailto:araujodeclara@gmail.com)

<sup>2</sup> Empresa global que disponibiliza, via streaming, filmes e séries de televisão para seus assinantes.

ou que, à primeira vista, não haja relação entre os personagens e as situações expostas, existe um padrão<sup>3</sup> – neste caso, idealizado e mantido por Brooker.

O enredo, como um todo, se passa em um cenário supostamente futurista, marcado pela forte presença da tecnologia e de seus efeitos. Se, no mundo atual, observamos que “as possibilidades trazidas pelos novos meios instauram uma nova maneira de apreender a realidade que nos cerca, bem como criam novos anseios e expectativas” (PORTO-RENÓ, et al., 2011, p. 204), esta reflexão torna-se ainda mais evidente ao longo da série. Dito isso, nossa hipótese inicial assume que tais aspectos apresentados no decorrer do episódio já se fazem presentes na atualidade.

Neste artigo, discorreremos sobre “Nosedive”, o primeiro episódio da terceira temporada. Como objetivo geral, propomos descrever a experiência apresentada, relacionando as possibilidades fictícias mostradas a princípios teóricos da Comunicação. Ademais, reconhecemos as séries de televisão enquanto recursos midiáticos que exercem função representativa e produtora de sentido; refletimos sobre as mudanças nas relações humanas proporcionadas pela ubiquidade dos recursos tecnológicos; e investigamos a relação entre mídias digitais, presentismo e cotidiano.

Esta pesquisa classifica-se como qualitativa e descritiva pois, além de caracterizar o objeto, estabelece relações entre variáveis. Para seu desenvolvimento, empregamos o método fenomenológico, relatando o episódio em si e trabalhando com suas interpretações. O estudo, por sua vez, se deu a partir de levantamento bibliográfico em torno dos subtemas: tecnologia; redes sociais; contemporaneidade; tempo; cotidiano; relações humanas; e presentismo.

## **O POTENCIAL DAS REDES SOCIAIS**

Antes de adentrarmos o universo apresentado pelo programa – distópico e, paradoxalmente, próximo à nossa realidade –, é importante compreender a visão de seu idealizador. De acordo com o próprio Brooker (2011): Uma de suas características mais notáveis é a apresentação de atores e histórias diferentes a cada episódio.

---

<sup>3</sup> Após o lançamento da quarta temporada, em dezembro de 2017, vários fãs da série criaram teorias sobre a existência de uma ordem cronológica dos episódios, reforçando a ideia de que os eventos se passam dentro de uma mesma realidade.

Se a tecnologia é uma droga – e parece mesmo ser uma – então quais são, precisamente, os efeitos colaterais? Esta área – entre apreciação e desconforto – é onde *Black Mirror*, minha nova série de TV, está situada. O “espelho negro” do título é um que você encontrará em todas as paredes, em todas as mesas, na palma de toda mão: a fria e brilhante tela de uma TV, um monitor, um smartphone (BROOKER, 2011, tradução nossa)<sup>4</sup>.

Ao comparar a tecnologia às drogas, o autor admite a existência de uma relação de dependência entre os meios de comunicação e seus usuários. Esta característica específica pode ser considerada responsável por nortear o desenrolar dos fatos ao longo das temporadas da série.

Paiva (2008) explica que, em nossa realidade contemporânea, a mídia eletrônica é onipresente em espaços públicos e privados, e que a comunicação é tida como uma experiência vital para a sociedade. Em *Black Mirror*, os indivíduos são ainda mais expostos à tecnologia, consumindo hipnoticamente uma demanda infinita e perdendo, aos poucos, a noção da realidade – o que implica, também, numa alteração da própria percepção do tempo, visto que “as mídias digitais com suas plataformas de inserção dos acontecimentos contemporâneos numa atualização incessante colocam em proeminência a aceleração que se espalha pela sociedade” (BARBOSA, 2017, p. 22).

Ainda sobre o aspecto temporal, percebemos que *Black Mirror* apresenta seus enredos em meio a um contexto identificado como futurístico, levando em conta as novas configurações sociais e os avanços tecnológicos – não há espaço para o analógico; o que os personagens veem como antigo ou ultrapassado, nós consideramos moderno. Contudo, justamente por esse tempo ser demarcado de forma expressiva pela ubiquidade dos dispositivos digitais e pela aceleração do fluxo de informações, o mesmo se vê constantemente preso ao agora – o que nos faz questionar, simultaneamente, o teor dessa época e suas relações. Como pontua Hartog (2013, p. 146), “se a crítica ao progresso não implica uma promoção automática do presente, ela instila a dúvida sobre o caráter inevitavelmente positivo da caminhada para o futuro”.

Em decorrência também dessa onipresença digital, as pessoas passam a observar, cada vez mais, a rotina de outros indivíduos e a registrar a sua própria,

---

<sup>4</sup> Trecho original: “If technology is a drug – and it does feel like a drug – then what, precisely, are the side-effects? This area – between delight and discomfort – is where *Black Mirror*, my new drama series, is set. The ‘black mirror’ of the title is the one you’ll find on every wall, on every desk, in the palm of every hand: the cold, shiny screen of a TV, a monitor, a smartphone.”

mantendo um estado de supervisão e monitoramento constante e coletivo, bem como dando vida a um “fantástico cotidiano” que, ao ser tribalizado pelas mídias, “aparece nos estudos do imaginário como uma experiência que confere sentido à existência, como símbolo estruturante dos vínculos sociais” (PAIVA, 2008, p. 9).

Sobre as narrativas contadas pelos sujeitos por meio dos avanços tecnológicos, Sibilia (2008) menciona um “jogo de espelhos” em que a vida real torna-se um reflexo da ficção, frente a uma espetacularização do cotidiano. Em “Nosedive”, vemos, portanto, a representação hiperbólica da obsessão humana por redes sociais, em um mundo onde a aparente perfeição e o caos convivem entre uma linha tênue.

### **DESCREVENDO O SIMULACRO**

Nós, enquanto público, acompanhamos a protagonista Lacie em sua busca por aceitação social. No sistema retratado, o status de cada indivíduo é medido de acordo com a pontuação de seu perfil nas mídias sociais; tal valor pode ser verificado por qualquer pessoa e a qualquer momento, visto que todos possuem um dispositivo implantado nos olhos, permitindo, assim, uma percepção híbrida entre o físico e o digital, com recursos de realidade aumentada. Lacie tem uma avaliação levemente acima da média, correspondente a 4.2 estrelas (a nota máxima seria 5).

Mais do que uma mera classificação, esses números são fundamentais para que as pessoas possam comprar uma casa, frequentar estabelecimentos ou alugar um meio de transporte, por exemplo. As avaliações moldam a experiência do sujeito na sociedade; por isso, surge o desejo por ascensão social, promovido através do uso das mídias digitais. Por consequência, a maioria se vê obcecada em manter uma imagem superficialmente agradável, a fim de ganhar notas altas de outros usuários e, em decorrência disso, fazer uso de serviços de maior qualidade.

Percebemos que a personagem principal tem interesse em agradar todo mundo, dando avaliações positivas às pessoas com quem convive, na expectativa de que elas possam retribuir o favor. A forma como ela se dirige àqueles ao seu redor é totalmente ensaiada, do sorriso até as frases de cortesia e gestos desprovidos de sinceridade. Como explica Sibilia (2008, pp. 29-30), “seus testemunhos seriam, a rigor, falsos ou hipócritas: não autênticos. Ou seja, enganosas autoficções, meras mentiras que se fazem passar por pretensas realidades”. Até mesmo a ambientação estética, com

predominância de tons pastéis, apresenta um equilíbrio visual que traduz em cores – sobretudo rosa – a aparente harmonia de sua vida cotidiana.

Em certo momento, Lacie monta, de maneira teatral, um pequeno cenário para fotografar sua xícara de café. Depois que a imagem é postada em seu perfil, ela dá um gole e faz careta, atestando que o sabor não estava agradável, ao contrário do que dizia a legenda de sua publicação; contudo, ao receber avaliações de 5 estrelas de seus contatos, sente-se feliz e recompensada. Esta preocupação, aliada a um forte desejo de aprovação, assemelha-se à nossa atual realidade, em que compartilhamos, de forma frenética, momentos nas redes sociais com o objetivo de chamar a atenção, ganhar curtidas e obter reconhecimento instantâneo, como Serelle e Soares (2019) pontuam:

A forma do entretenimento é deliberadamente orientada para a diversão e para oferecer às audiências uma sensibilidade utópica por meio de um código afetivo e da inserção na realidade ficcional, em que é possível alcançar de forma plena qualidades que nos são negadas na vida imediata (SERELLE e SOARES, 2019, p. 7).

Dessa forma, vamos de encontro à comparação feita pelo próprio Brooker, ao relacionar tecnologias e drogas. Dentre as similaridades referentes ao consumo de ambas, podemos denotar, além da dependência já apontada, a compulsão por prazer imediato, acarretando, assim, em um tipo de fuga da realidade.

Esse imediatismo nos remete também, uma vez mais, ao presentismo enquanto resultado da forma como as mídias afetam nossa percepção, uma vez que "as tecnologias avançadas de comunicação e a velocidade de circulação das informações modificam a experiência temporal cotidiana" (BARBOSA, 2017, p. 20). Em resumo, o futuro parou de existir, em prol de um presente contínuo e sem barreiras, como reforça Hartog (2013, p. 148): "O presente tornou-se o horizonte. Sem futuro e sem passado, ele produz diariamente o passado e o futuro de que sempre precisa, um dia após o outro, e valoriza o imediato".

Os eventos dramáticos do episódio têm início a partir do momento em que Naomi – uma amiga de infância de Lacie, cuja classificação é de 4.8 estrelas – entra em contato pelas redes sociais. A conversa entre as duas ocorre de forma repentina, através de uma chamada de vídeo, em que agem como se ainda restasse alguma intimidade ou cumplicidade naquela relação há muito desgastada.

O assunto tratado é o casamento de Naomi, ocasião onde apenas usuários premium (com notas acima de 4.7) estarão presentes. É interessante pontuar que, apesar das disparidades econômicas entre o estilo de vida das duas, ambas possuem um mesmo objetivo: ascender socialmente. Logo, a cerimônia de casamento seria a oportunidade perfeita, visto que Naomi, como noiva, e Lacie, como dama de honra, receberiam boas classificações de perfis conceituados – desejadas não apenas pelo prazer psicológico do feedback positivo instantâneo, como também pelos benefícios práticos no dia a dia, obtidos somente por meio de notas altas. Essa performance frequente, favorecida e desenvolvida pelas mídias digitais, ilustra a definição de entretenimento de Serelle e Soares (2019, p. 6), que “designa um tipo de atenção, de confisco provisório da mente por meio de um interesse continuamente sustentado”.

Lacie, ao longo de várias cenas, passa a ensaiar seu discurso de dama de honra, criticando a banalidade da vida ao mesmo tempo em que exalta o que é verdadeiro, referindo à sua amizade e os sentimentos por Naomi. Diante de suas próprias palavras, que soam irônicas e autocríticas, notamos que a protagonista tem consciência da superficialidade das relações humanas daquele contexto, mas que se mantém imersa nas configurações do sistema.

Apenas dois personagens criticam abertamente este modelo de vida, caracterizado pelo simulacro constante dos indivíduos: Ryan (nota 3.7), que afirma que as pessoas com altas avaliações apenas fingem que são felizes e que sente falta de conversas profundas com sua irmã Lacie; e Susan (nota 1.4), a senhora que oferece carona à protagonista. Esta última revela que, quando mais jovem, sua média era de 4.6 estrelas e que também era alucinada por status, mas que abandonou toda e qualquer preocupação relacionada a aceitação e/ou ascensão social quando seu marido (nota 4.3) morreu de câncer, justamente por não ter acesso a um tratamento experimental exclusivo, direcionado a um paciente de nota 4.4 – isto é, nessa realidade, até mesmo a saúde se vê restrita àqueles com pontuação superior.

A situação contada por Susan foi responsável por nortear o último ato do episódio; é a partir dela que Lacie reconhece o quão vazia é esta jornada por números que acabam ditando seus comportamentos e transformando-a, cada vez mais, em um ser acrílico que vive em um mundo fútil, onde todos são gentis apenas para evitar conflitos e, conseqüentemente, interações que prejudiquem a classificação de seus perfis. É

interessante pontuar que quando Susan é gentil, sua atitude parece muito mais autêntica, se comparada a outros personagens, justamente por ela não possuir nenhum interesse em elevar seu status através da dinâmica das avaliações; suas interações são mais reais e até mesmo compassivas, desprovidas da ambição exacerbada que outros demonstram.

Finalmente, Lacie consegue chegar à cerimônia de casamento. Ela, que antes era tão precavida, simplesmente segue o exemplo de Susan e expõe, abertamente, diversas situações e opiniões sobre sua relação com Naomi, sem qualquer filtro ou hesitação. À frente do visível desconforto dos convidados, ela se arma com uma faca e, além de receber avaliações negativas, é abordada e levada por seguranças. Basicamente, punida por falar e agir conforme realmente pensava, sem seguir qualquer regra preestabelecida de traquejo social. Isso nos remete à reflexão sobre o quanto a tecnologia pode ser excludente, no momento em que replica relações de poder existentes entre as camadas socioeconômicas, como Silva e Webering (2010) apontam:

Configurada da maneira em que se encontra hoje, a tecnologia é uma das principais responsáveis pela concentração de poder. Pelo fato de nascer no cerne dessa racionalidade, constitui-se dentro deste imaginário, tornando-se assim, limitada a ele e (re)produtora de desigualdade, não sendo desta maneira, viabilizadora de democracia (SILVA e WEBERING, 2010, p. 10).

O desfecho é literalmente uma catarse em que Lacie, após ser presa e ter o dispositivo para leitura de avaliações removido de seus olhos, sem qualquer apego ou obediência às normas e imposições sociais de sua realidade, destila uma série de xingamentos e ofensas ao prisioneiro da cela vizinha. Esteticamente falando, não há mais nenhum resquício da harmonia inicialmente apresentada; em vez de tons pastéis, leves e suaves, temos o predomínio do cinza, que sugere tristeza e isolamento. Nesse momento, vemos, pela primeira vez no episódio, dois personagens interagirem entre si de forma completamente espontânea e autêntica, movidos por suas próprias vontades. Ironicamente, o momento em que eles mais se sentem livres de suas amarras psicológicas, é quando estão fisicamente aprisionados.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS



Ao longo do estudo, observamos que o episódio em questão surge como uma sátira ao poder das redes sociais, com ênfase em seu lado negativo, caracterizado principalmente pela superficialidade, vigilância, controle, superexposição e discriminação – sendo os efeitos desses elementos tanto coletivos quanto individuais.

Por outro lado, não podemos deixar de evidenciar a natureza metalinguística e autocrítica do objeto de estudo, considerando que o mesmo – uma série de televisão, também disponível numa plataforma on-line – apresenta, continuamente, repreensões à dependência exacerbada por parte dos usuários das mídias digitais.

Através do cotidiano de Lacie, vemos que em meio à busca por atender às expectativas que os outros têm a seu respeito, o autoconhecimento perde espaço. O “eu” é deixado de lado, assim como os sentimentos e a profundidade das relações. Sem uma conexão que vá além das redes sociais, as pessoas são solitárias; Lacie, por exemplo, não mantém uma amizade nem com o próprio irmão, com quem divide o mesmo teto. Seu foco está na imagem, na performance social, na aparência. Seguindo essa lógica, os dispositivos tecnológicos e/ou midiáticos atuam como catalizadores dessa condição de desconexão – de si e dos outros – pois, graças a eles, o fluxo de informações é mais rápido, visível, com alcance global e respostas imediatas, sejam elas positivas ou não.

Percebendo, especificamente, que as relações humanas retratadas em meio ao futuro distópico apresentado por Black Mirror tendem a ser rasas, teatralizadas e/ou performáticas, sempre visando benefícios através da própria imagem e comportamento, concebemos que este “espelho negro” do título, além de se referir às telas dos dispositivos que permeiam o cotidiano, tem relação também com a perda da identidade própria – isto é, uma forte tendência ao esquecimento do eu e das vontades pessoais; um espelho negro que não permite que o sujeito se enxergue ou reflita a seu respeito.

Concluimos, finalmente, que as múltiplas referências ao presente, ainda que partindo de um futuro fictício, tendem a realçar a lógica contemporânea, caracterizada não só pelo domínio dos artefatos digitais, como também pela atuação/simulação contínua dos sujeitos. Ao representar um tempo marcado pelo presentismo, “Nosedive” não só demonstra o impacto da tecnologia nas relações humanas, mas também induz seu público a contemplar criticamente possibilidades iminentes, através da reprodução de elementos encontrados em nossa realidade.



## REFERÊNCIAS

BARBOSA, Marialva Carlos. Tempo, tempo histórico e tempo midiático: interrelações. In: **Comunicação, Mídias e Temporalidades**. Salvador, EDUFBA, 2017, pp. 19-36.

BROOKER, Charlie. Charlie Brooker: the dark side of our gadget addiction. In: **The Guardian**, 1 de dezembro de 2011. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/technology/2011/dec/01/charlie-brooker-dark-side-gadget-addiction-black-mirror>>. Acesso em jun., 2021.

HARTOG, François. **Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo**. Autêntica Editora, Belo Horizonte, 2013.

PAIVA, Cláudio Cardoso. Elementos para uma epistemologia da cultura midiática. In: **Culturas Midiáticas** – Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal da Paraíba, vol. 1, nº 1, 2008. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/cm/article/view/11622/6662>>. Acesso em jun., 2021.

PORTO-RENÓ, Denis; VERSUTI, Andréa Cristina; MORAES-GONÇALVES, Elizabeth; GOSCIOLA, Vicente. Narrativas transmídia: diversidade social, discursiva e comunicacional. In: **Palavra Chave**, vol. 14, nº 2, 2011, pp. 201-215.

SERELLE, Marcio; SOARES, Rosana de Lima. **AS NOVAS FORMAS DO FALSO: entretenimento, desinformação e políticas nas redes digitais**. XXVIII Encontro Anual da Compós, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

SIBILIA, Paula. **O show do eu: A intimidade como espetáculo**. Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 2008.

SILVA, Marcel Vieira Barreto. Cultura das séries: forma, contexto e consumo de ficção seriada na contemporaneidade. In: **Galáxia** – Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, nº 27, 2014, pp. 241-252.

SILVA, Naiara Tavares da; WEBERING, Susana Iglesias. Sociedade, Cultura e Racionalidade: reflexões sobre as implicações na concepção da tecnologia. **Revista Tecnologia e Sociedade**, vol. 6, nº 10, 2010.